

# A escrita inicial em contexto do PEJA: mecanismos de junção e tradições discursivas

## The initial writing in the context of PEJA: junction mechanisms and discursive traditions

Lúcia Regiane Lopes-Damasio\*  
Manuella Fernanda Mendonça Gava\*\*

### RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de uma análise quantitativo-qualitativa dos mecanismos de junção (MJs) em textos das Tradições Discursivas (TDs) narrativa e prescritiva, produzidos por adultos, em aquisição da escrita, inseridos no Programa para Educação de Jovens e Adultos (PEJA - UNESP/Assis). O quadro teórico apoia-se no conceito de heterogeneidade da escrita (Corrêa, 2004), e de aquisição da escrita (Lemos, 1998), em um espaço caracterizado pelas Tradições Discursivas (Lopes-Damasio, 2019, 2022), a partir de um diálogo crítico com a proposta de Kabatek (2005a/b). Nesse universo, a análise fundamenta-se no fenômeno da junção oracional, compreendida a partir dos MJs, (Raible, 2001; Halliday, 1985; Kortmann, 1997), tomados, numa abordagem linguístico-discursiva, em espaços de repetibilidade. Os resultados apontam para atuação do princípio de composicionalidade das TDs, ao sinalizar que a TD narrativa compõe a prescritiva.

**Palavras-chave:** Heterogeneidade da escrita. Mecanismos de junção. Tradição discursiva

Recebido em 14 de janeiro de 2025

Aceito em 16 de abril de 2015

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2025n69.1460>

\* Universidade Estadual Paulista - São José do Rio Preto, l.damasio@unesp.br,  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9058-3566>

\*\* Universidade Estadual Paulista - São José do Rio Preto, manuella.gava@unesp.br,  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-1343-9858>

## ABSTRACT

This article presents the results of a quantitative-qualitative analysis of junction mechanisms (JMs) in narrative and prescriptive Discursive Traditions (DTs), produced by adults in the context of the Youth and Adult Education Program (PEJA - UNESP/ Assis). The theoretical framework is based on the concept of heterogeneous writing (Corrêa, 2004) and writing acquisition (Lemos, 1998), situated within the context of Discursive Traditions (Lopes-Damasio, 2019, 2022), and critically engages with Kabatek's proposal (2005a/b). This analysis focuses on the phenomenon of sentence juncture, approached through JMs (Raible, 2001; Halliday, 1985; Kortmann, 1997), within a linguistic-discursive perspective on repetition spaces. The results show the compositional principle of DTs, indicating that the narrative DT shapes the prescriptive one.

**Key-Words:** Heterogeneous writing. Junction mechanisms. Discursive traditions

## Para introduzir a proposta: o contexto e os objetivos

Neste artigo, apresentamos resultados de um estudo comparativo, de natureza linguístico-discursiva, entre as tradições discursivas (TDs) *narrativa* e *prescritiva*, a partir do funcionamento dos mecanismos de junção (MJs), em textos produzidos por adultos, em processo de aquisição da escrita, no contexto do Programa para Educação de Jovens e Adultos (PEJA – UNESP/ Assis-SP).<sup>1</sup>

A compreensão da proposta e, conseqüentemente, de seus resultados demanda a compreensão anterior do que será reconhecido como um espaço linguístico-discursivo de abordagem da escrita, numa relação com os conceitos de *tradição discursiva* e *aquisição da escrita*, a partir dos MJs, como fenômeno que caracteriza a entrada analítica nos dados.

---

1 Os resultados foram extraídos do trabalho de Iniciação Científica, intitulado *Mecanismos de junção e(m) textos das Tradições Discursivas narrativa e prescritiva: um olhar para escrita inicial em contexto do PEJA* (FAPESP Processo 2023/02331-6), desenvolvido por Gava (2023) e orientado por Lopes-Damasio, no escopo do Projeto *Escrita e tradição discursiva no ensino: da delimitação conceitual ao seu papel nos aspectos ocultos do letramento acadêmico* (FAPESP Processo 2022/02850-0 – PP, daqui em diante).

Adotamos aqui o sistema conceitual de escrita que está sendo desenvolvido por Chacon (2024, 2021, 2017, dentre outros),<sup>2</sup> em que a escrita é tomada como um fenômeno de linguagem, neste trabalho, a partir do campo dos estudos linguísticos, numa perspectiva que se define como de natureza linguístico-discursiva – já que a escrita, como fenômeno de linguagem, não pode ser reduzida às suas características linguísticas. A linguagem, por sua vez, é definida como construção sócio-histórica de produção de sentidos, ancorada em uma língua e mobilizada em discurso. A língua consiste um “sistema de formas significantes” interpretante semiológico de uma determinada formação social. E o discurso, na produção do dizer, sustentada em uma ancoragem na memória<sup>3</sup>. Portanto, nesse sistema conceitual, a escrita é um modo de acontecimento da linguagem, enquanto evento que, embora singular, não se inicia em si mesmo (Chacon, 2024).

A aquisição dessa escrita que é acontecimento da linguagem não pode ser entendida senão por ancoragem na ideia de *movimentação/mudança*, trazida dos trabalhos de Lemos (1998), sob a aceitação de que uma vez transformados pela escrita em pessoas que podem escrever, não é possível subtrairmo-nos aos efeitos dessa escrita, assim como não é possível dominarmos esse objeto (a escrita), como um saber esgotável e estável. Esse lugar de investigação marca-se, pois, por seu foco na movimentação do sujeito que escreve no processo de textualização, operada através do funcionamento simbólico da língua. Não partimos, portanto, da interação entre sujeito-e-objeto, mas do funcionamento da linguagem/língua, de acordo com um “fazimento” constante dessa relação – entre sujeito e escrita – a cada acontecimento de escrita (Lemos, 1998). Esse pressuposto sinaliza, do mesmo modo, um compromisso com a heterogeneidade dessa língua, aqui reconhecida, por

---

2 Esse sistema configura-se como um dos desdobramentos da tese de livre-docência de Chacon (2017) e como o principal desdobramento do conjunto volumoso de dados empíricos, de natureza linguística – voltados à fala, à percepção, à escrita/escrita digital e à leitura, de crianças, adolescentes e adultos –, descritos e analisados no âmbito do Grupo de Pesquisa em Estudos sobre a Linguagem (GPEL/CNPq), coordenado por Chacon.

3 A memória, entendida como histórica, define-se no acontecimento, enquanto um ponto de encontro com uma atualidade, na linha de Pêcheux (2015).

sua vez, a partir da circulação do escrevente por imaginários que, ao deixar marcas na superfície material do texto, permite ao analista reconhecer essa heterogeneidade também em sua forma constitutiva (cf. Corrêa, 2004).

Ao reforçar a presença de um entendimento textual/discursivo para a investigação sobre a língua, assumimos, também como consequência, que a circulação dos escreventes por práticas orais e letradas, na sua relação intrínseca com os enunciados falados e escritos que resultam – como efeitos – dessas práticas, está na base da movimentação/mudança que caracteriza a aquisição da escrita e deixa *rastros* no material linguístico. Em outras palavras, tratamos essas práticas sob o viés do que reconhecemos como fixo e lacunar do texto, a partir de um diálogo com o conceito de TDs – o que, social e historicamente, integra a memória de sujeitos enquanto membros de comunidades, podendo corresponder a gêneros, tipos e construções linguísticas.<sup>4</sup>

Assumimos, portanto, que a circulação dos escreventes por práticas orais e letradas, via fala e escrita, reconhecidas como TDs, deixa *rastros* no material linguístico, reconhecíveis, por sua vez, em/como distintos fenômenos linguísticos. Seleccionamos, dentre esses *rastros*, aqueles que assumem a funcionalidade de MJs, propondo, para eles, um tratamento linguístico-analítico que lança mão de um instrumental funcionalista. Definidos, *grosso modo*, como quaisquer técnicas usadas para juntar porções textuais de natureza oracional (Raible, 2001), os MJs, nesta abordagem linguístico-discursiva, são descritos e analisados a partir de seus funcionamentos tático-semânticos (Halliday, 1985, Raible, 2001; Kortmann, 1997) e pragmático-discursivos (Lopes-Damasio, 2019). Em outras palavras, como aquilo que, ao mesmo tempo, marca o que se repete e o que é singular, na relação entre o fixo

---

4 De modo geral, a proposição desse quadro – enquanto espaço de relações entre campos teóricos advindos de correntes distintas – tem se firmado desde 2011, a partir da proposta inicial de Longhin-Thomazi (2011a/2011b), no escopo dos trabalhos de Lopes-Damasio (cf. 2014, 2016, 2019, dentre outros), e, mais recentemente, tem ganhado fôlego com os resultados alcançados pelo desenvolvimento do Projeto *Escrita e tradição discursiva no ensino*, já mencionado aqui (cf. Lopes-Damasio; Pedro, 2024; Lopes-Damasio; Santana, 2024; Silva, 2024; Oliveira, 2024; Santana, 2022, dentre outros).

e lacunar dos textos, em aquisição, constituídos em tradição de dizer/escrever (Lopes-Damasio, 2019).

Nesse espaço teórico de observação, o objetivo geral deste artigo é apresentar os resultados de um mapeamento linguístico-discursivo do funcionamento dos MJs em textos das TDs *narrativa* e *prescritiva*, produzidos por adultos em processo de aquisição da escrita. Para isso, serão descritos e analisados os funcionamentos tático e semântico dos MJs nas TDs *narrativa* e *prescritiva* para uma comparação dos resultados alcançados nas TDs focalizadas, sob o viés da abordagem anunciada, de natureza linguístico-discursiva.

Este artigo está organizado em três seções além desta introdução e das considerações finais: a primeira voltada à apresentação da fundamentação teórica; a segunda destinada à exposição do material e da metodologia de investigação; e, por fim, a terceira, à apresentação e discussão dos resultados à luz do objetivo delimitado.

## 1. Para fundamentar a proposta: o campo conceitual e os diálogos teóricos

Conforme brevemente introduzido, este trabalho insere-se em um espaço teórico constituído pelos conceitos de heterogeneidade da escrita (Corrêa, 2004), aquisição da escrita (Lemos, 1998) e TD (Lopes-Damasio, 2019, 2022), a partir de um diálogo crítico com a proposta de Kabatek (2005a/b), para uma abordagem analítica de natureza linguístico-discursiva (cf. Chacon, 2024).

Em Corrêa (2004, p. 9), conceitua-se o modo heterogêneo de constituição da escrita como o encontro do sujeito com práticas sociais do oral/falado e letrado/escrito, considerando a dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido na perspectiva da circulação dialógica do escrevente.<sup>5</sup> Nessa

---

5 Segundo Chacon (2021), para a abordagem linguístico-discursiva, pressupõem-se diferentes articulações entre os elementos da língua e as práticas sociais. Nessa direção, a fala é reconhecida como um ato enunciativo, cuja materialidade resulta da circulação do falante por determinada(s) prática(s) de oralidade, enquanto prática(s) discursiva(s). Por sua vez, a escrita é também reconhecida como um ato enunciativo, resultante da inserção

perspectiva, partimos da imagem – construída à luz de um imaginário socialmente compartilhado e entendido como representação – que o escrevente faz da (sua) escrita, entendendo que esse imaginário/essa representação pode deixar marcas no texto. Essas marcas, por sua vez, habilitam proposições acerca da relação entre sujeito e escrita.

De acordo com a concepção de linguagem como construção sócio-histórica de produção de sentidos, ancorada em uma língua e mobilizada em discurso, em que a língua, como sistema de formas significantes é interpretante semiológico de uma determinada formação social (Chacon, 2024), podemos, nesse sistema conceitual, acionar o entendimento de Corrêa (2004) de que a escrita – enquanto acontecimento – define-se como heterogênea do ponto de vista semiótico e, desse modo, recusar, na mesma linha desses autores, a dicotomia radical entre fala e escrita, bem como a dicotomia metodológica ou didática, que toma fala e escrita em polos opostos de um contínuo tipológico (Marcuschi, 1997; 2010; Koch; Oesterreicher, 2007). A semiologização é mostrada por tipos de substâncias acústico-auditiva e gráfico-visual, enquanto matéria gráfica e física, para escrita e fala, respectivamente, mas não autoriza, por isso, a localização dos produtos textuais da fala e/ou da escrita em polos opostos de um contínuo, a partir do pressuposto de que seria possível, nesses polos (do prototipicamente escrito, de um lado; e do prototipicamente falado, do outro), abrir mão da heterogeneidade desses mesmos materiais. Estaria pressuposto, nesse entendimento, aquele de que, em alguns casos, é possível termos uma fala pura/sem relações com a escrita, assim como uma escrita pura/sem relações com a fala, ao invés de um entendimento de que, naqueles contextos em que a escrita é um fato regulado e organizado pelas

---

do escrevente em certa(s) prática(s) de letramento, enquanto prática(s) discursiva(s). Desse modo, o autor não adota os conceitos de *fala* e *oralidade* como sinônimos, do mesmo modo que também não adota como sinônimos os de *escrita* e *letramento*: *fala* e *escrita* são *atos enunciativos concretos*, que se manifestam sob a forma de enunciados (produtos linguísticos), sendo a primeira uma prática da oralidade e a segunda, uma prática de letramento. Entretanto, oralidade e letramento não correspondem a práticas puras, o que, consequentemente, também garante a falta de pureza dos atos enunciativos dessas práticas resultantes e por elas constituídos.

práticas sociais letradas, a fala sempre lhe será constitutiva, assim como ela mesma sempre será constitutiva da fala. Não se trata, como o uso do termo “constitutiva” tenciona ver, de um entendimento baseado em qualquer tipo de “interferência”, mas baseado nas características não estanques da própria semiologização, com base na relação imprescindível dos produtos dos atos enunciativos e as práticas discursivas de que resultam.

Nesse espaço teórico, a definição de sujeito é associada à ideia de individuação [do sujeito], conforme proposta por Corrêa (2004, p. 15-16). Com efeito, há um afastamento das noções de sujeito assujeitado e de sujeito indivíduo, embora daquele seja mantido o entendimento de que o outro é constitutivo do eu, a partir da aceitação de que não é a singularidade factual que enuncia. Nas palavras de Chacon (2024), o sujeito é uma “condição” da qual os indivíduos concretos/empíricos são investidos, efeito da articulação de três estruturas: a língua, a ideologia e o inconsciente. Consequentemente, o sujeito, nessa base epistemológica, não é centro. As consequências desse pressuposto são várias e extrapolam – do ponto de vista teórico-metodológico – os objetivos deste trabalho, mas, para o que se pretende aqui, é imprescindível dizer que não se trata, portanto, de estudar *o sujeito que escreve/adquire a escrita*; mas de *estudar a escrita a partir da movimentação que caracteriza a própria aquisição e o processo de subjetivação* –, já que o sujeito se torna sujeito *da* escrita, *na* e *pela* escrita. A individuação, portanto, tomada no tratamento do sujeito, implica que seja tomada também e necessariamente no tratamento da escrita, ou, em outras palavras, na forma de abordagem das marcas linguísticas desse processo [de individuação] na própria escrita. Trata-se, pois, da individuação dos rastros e do que permite associar a abordagem linguística desses dados a uma abordagem discursiva.

A esse quadro conceitual, resgatamos, na linha de Lopes-Damasio (2019, 2022, dentre outros), um diálogo crítico com o conceito de TD (cf. Kabatek, 2005a/b), tomada enquanto forma de observar, teórica e metodologicamente, a réplica da linguagem, em sua dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido. O conceito de TD surge na Linguística Histórica Românica, na década de 80, nos estudos voltados à Filologia Pragmática, associado a uma perspectiva histórico-

pragmática dos gêneros textuais, ligada à mudança linguística, portanto, na perspectiva da filogênese. Para a construção desse conceito, parte-se da concepção coseriana<sup>6</sup> de linguagem (Coseriu, 1981), apoiada no pressuposto de que a língua não é produto, portanto não possui caráter de coisa feita, mas de atividade, e que, por isso, se constitui em um conjunto de *modos de fazer*.

Para o diálogo necessário, neste trabalho, entre as concepções de TD e heterogeneidade constitutiva da escrita, Lopes-Damasio (2019) propõe:

(i) quanto ao nível histórico, reconhece-se que só existe história no nível atual, assim como se reconhece que ela só existe porque o ato linguístico nunca é individual; e (ii) quanto ao entendimento do nível atual, a que deve estar subjacente a ideia de sujeito da linguagem não como indivíduo, mas como individuação, conforme se destacou. [...] Nesse sentido, falar/escrever significa recorrer ao que tradicionalmente está instituído, do ponto de vista do idioma e das sucessivas atualizações de uma forma discursiva, e colaborar para a constituição dessa tradição, num diálogo complexo entre já-dito e novos projetos de dizer (Lopes-Damasio, 2019, p. 153).

Na linha de Kabatek (2005a), as TDs estão ligadas ao fato de um sujeito, diante da enunciação, referente a uma finalidade comunicativa específica, construir seu discurso conforme o já-dito, de acordo com a comunidade em que está inserido. Uma TD associa-se, portanto, à forma e/ao conteúdo, a partir de uma combinação de elementos linguísticos que, em situações concretas de comunicação/uso, se repetem, mediante *evocação*. Trata-se de definir os textos como acontecimentos históricos – de acordo com uma *historicidade genérica* – e como parte de uma tradição. Essa historicidade refere-se ao texto em sua particularidade, enquanto evento único e irrepitível, historicamente situado no tempo e no espaço, mas que evoca outros enunciados/textos, também de caráter único e individual, num movimento de repetição (Kabatek, 2012). No escopo do quadro teórico adotado neste trabalho, recuperamos um diálogo

---

6 Em sua teoria da linguagem, Coseriu propõe três níveis do linguístico: (i) universal; (ii) o histórico e (iii) o atual ou individual, como “ato linguístico [...] de um indivíduo determinado numa situação determinada” (Coseriu, 1981, p. 272).



entre esse conceito de *historicidade genérica* e a noção de *acontecimento discursivo* (Pêcheux, 2015):

Ao jogar com a materialidade linguística e a materialidade histórica, a ordem do discurso, que não segue uma logicidade, depende de acontecimentos discursivos, que estabelecem rupturas entre “estabilidades”: rompe-se com a “estabilidade” anterior e inaugura-se uma nova “estabilidade” discursiva, uma vez que o acontecimento discursivo é resultado do acontecimento histórico que passa a ser discursivizado “no ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória” (Pêcheux, 2015, p. 16). [...] [M]antém-se um paralelo entre individualidade dos enunciados (Kabatek, 2012), passíveis de evocação e repetição, mas também de atualização, com a noção de acontecimento discursivo pecheutiana, que pode ocorrer independentemente do sujeito, mas que, contudo, só se torna fato histórico quando por ele simbolizado através da materialidade linguística (Cazarin; Raisa, 2014, p. 203). (Lopes-Damasio; Silva, p. 51-52, prelo).

Além de repetição e evocação, a teorização das TDs também está ancorada no princípio da composicionalidade tradicional, conforme descrita por Kabatek (2005a/b). Segundo o autor, a composicionalidade paradigmática diz respeito à concomitância de referências a diferentes TDs em uma mesma porção textual, enquanto a sintagmática, à sucessão de TDs na linearidade do texto (Kabatek, 2005b, p. 9). Lopes-Damasio (2019) associa à composicionalidade das TDs, conforme apresentada pelo autor, a *mescla de TDs* e, fundamentalmente, os rastros da heterogeneidade da língua, marcada na linearidade do texto escrito, de forma mostrada, mas não apenas, uma vez que estaria também ligada ao que define sua heterogeneidade constitutiva. Nesse sentido, como discutem Lopes-Damasio e Silva (prelo), as *mesclas de TDs*, no eixo sintagmático, não excluem as mesclas de TDs no eixo paradigmático, porque caracterizam a relação entre a heterogeneidade mostrada e a constitutiva. Assim, o próprio termo *mescla* não deve ser interpretado como se se limitasse à denominação a *TDs diferentes*, depreendidas na superfície linear da materialidade linguística, mas deve abarcar também “[...] *TDs diferentes* que constituem o texto *nessa diferença*,

num espaço que, linguisticamente, configura-se como efeito do heterogêneo na língua” (Lopes-Damasio; Silva, prelo).

No campo teórico apresentado até aqui, o olhar para a aquisição da escrita recupera a proposta de Lemos (1998), baseada em uma concepção de *mudança* que se opera, no sujeito, através do funcionamento do simbólico da língua, numa perspectiva estrutural. Há, portanto, um afastamento da concepção que associa *mudança*, na aquisição da escrita, a desenvolvimento, de um ponto de vista diacrônico. Lemos (1998) trata da relação sujeito e objeto como efeitos desse funcionamento, afastando-se, portanto, da ideia de interação sujeito-e-objeto e aproximando-se da ideia de relação constitutiva entre linguagem/língua, seu funcionamento e o processo de subjetivação. Desse modo, a cada ato/acontecimento de escrita, há um refazer dessa relação, e não um sujeito que se apropria de um objeto, *estável e esgotável* (Lemos, 1998, p. 11). Nessa direção, a compreensão da *mudança* que ocorre na relação sujeito-escrita está intrinsecamente associada à circulação dialógica desse sujeito, que se torna escrevente, pelas práticas discursivas orais e letradas, e cujo “tornar-se sujeito” pode ser observado, pelo analista, a partir dos produtos – marcados em rastros – dos atos enunciativos que resultam, como efeito, dessas práticas, por meio da recuperação do processo que une uns e outros, enquanto imperativo da abordagem metodológica que instaura essa análise.

## 2. Para realizar a proposta: o material e a metodologia

Investigamos 40 textos produzidos por jovens e adultos no contexto do PEJA<sup>7</sup> – UNESP/Assis, extraídos do Banco de Dados em Escrita Inicial

---

7 O PEJA é uma iniciativa institucional da UNESP, implantada em 2001, em sete *campi* que contam com os Cursos de Letras e/ou Pedagogia: FCL/Araraquara, FCL/Assis, FC/Bauru, FFC/Marília, FCT/Presidente Prudente, IB/Rio Claro e IBILCE/São José do Rio Preto. Tem como objetivo principal a garantia dos direitos mínimos de democracia e cidadania a quem, historicamente, foi negada a oportunidade de aprender a ler e escrever no período convencional. O Programa busca, portanto, a inclusão de jovens e adultos, nos processos de alfabetização e letramento, voltando-se às comunidades interna e, principalmente,

(BDEIn-UNESP/*Inicial write database-InWrite-UNESP*), sendo 20 textos da TD *narrativa* e 20 textos da TD *prescritiva*.<sup>8</sup>

Para as análises realizadas, os textos selecionados foram produzidos em oito práticas de escrita, conforme a tabela 1:

**Tabela 1:** Propostas de escrita

Nº da proposta	Tema	TD
1	Contando a minha história	TD Narrativa
2	Aprendizados de vida	TD Narrativa
3	Receita de família – Afeto e memória	TD Prescritiva
4	Memórias em sala de aula	TD Narrativa
5	O lugar onde eu moro	TD Prescritiva
8	Fé e práticas religiosas	TD Narrativa
9	Letramento digital	TD Prescritiva
11	Preparativos para a festa de fim de ano	TD Prescritiva

Para a abordagem linguística dos MJs, a metodologia de análise, de natureza qualitativa e quantitativa, parte do levantamento de suas frequências *token* e *type* (Bybee, 2003), de acordo com uma abordagem bidimensional, caracterizada pelo entrecruzamento dos eixos *tático* e *semântico* (cf. Halliday, 1985; Raible, 2001).

---

externa à UNESP, e promovendo, assim, a interação entre a Universidade e a comunidade local. No *campus* de Assis, as atividades são desenvolvidas por docentes da Universidade e alunos bolsistas de extensão universitária (PROEC) e de pesquisa (FAPESP, vinculados ao PP), denominados educadores, além de grupos de alunos voluntários de diferentes Cursos de graduação da FCL Assis.

- 8 De acordo com a concepção de aquisição da escrita adotada neste trabalho, os textos não são organizados em observância a qualquer espécie de estágio/período de alfabetização. São, entretanto, reconhecidos como produtos que permitem vislumbrar, na recuperação do processo de sua produção, a relação sujeito-escrita, de acordo com as condições de textualização.

As possibilidades táticas distribuem-se em *parataxe* e *hipotaxe*. A *parataxe* é caracterizada pela independência dos enunciados que formam o complexo, quando as orações têm o mesmo estatuto, numa relação de início e continuidade, de modo que mantêm a independência sintática entre si. Por sua vez, a *hipotaxe* caracteriza-se pela (inter)dependência entre as orações, em que uma oração modifica a outra, prevalecendo a relação do tipo núcleo-modificadora (cf. Halliday, 1985).

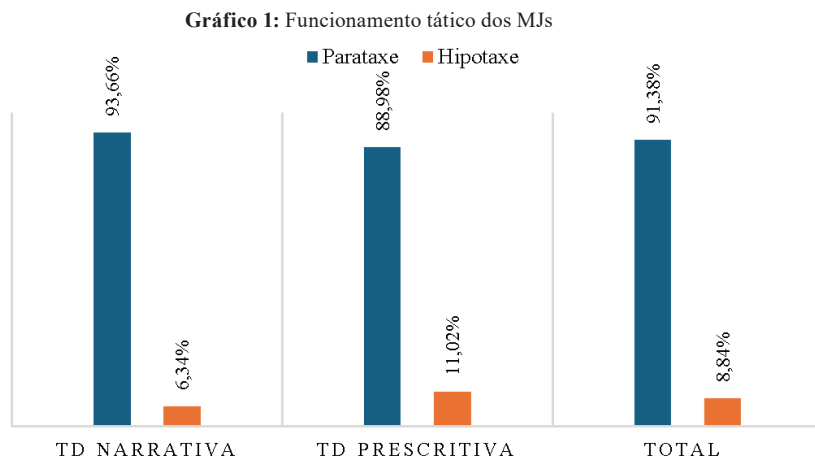
Semanticamente, destacamos a unidirecionalidade da variação semântica, que aponta uma relação de parentesco entre as categorias *espaciais* e *modais* em direção a *tempo* e *causa*, *condição*, *contraste* e *concessão* (CCCC); e entre *tempo* e CCCC (cf. Kortmann, 1997). Além dessas relações, é considerada também a de *adição*, mais concreta e a partir da qual podem ser inferidas todas as outras, a depender das condições que preenchem os aspectos pragmático-discursivos de uso do MJ (Lopes-Damasio, 2022).

Para a abordagem discursiva dos MJs, os resultados da descrição e análise linguística são tomados como rastros da circulação dos escreventes pelas práticas discursivas, por meio da proposição de relações com as TDs *narrativa* e *prescritiva* e o processo de aquisição da escrita.

### **3. Para um olhar aos dados: o empírico e as proposições teóricas em discussão**

Nesta seção, a partir do olhar aos dados delimitados pelos contornos teórico-metodológicos já apresentados, partimos de uma descrição empírica do fenômeno da junção, por meio das bases tático-semânticas do funcionamento dos MJs, para lançar bases a proposições que se projetam em associação teórica, a fim de fundamentar as mesmas proposições ao pô-las em discussão. Trata-se, portanto, de dar contornos ao quadro teórico que se caracteriza como uma abordagem linguístico-discursiva de dados aquisicionais – aqui especificamente produzidos no contexto do PEJA –, a partir, exclusivamente, do diálogo que o empírico proporciona.

Nessa direção, o gráfico 1 sintetiza os resultados da descrição e análise do funcionamento tático dos MJs nos textos analisados das TDs *narrativa* e *prescritiva* em aquisição da escrita.

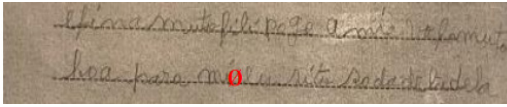


Do total de 441 MJs (100%), 402 (91,38%) correspondem a casos de *parataxe* e 39 (8,84%), a casos de *hipotaxe*. Podemos afirmar, portanto, que, nas TDs focalizadas em contexto de aquisição da escrita, o uso de MJs na *parataxe* é predominante em relação à *hipotaxe*, demonstrando uma relação entre as duas TDs, no que se refere às suas configurações táticas.

Na TD *narrativa*, dos 205 MJs (100%) observados, 192 (93,66%) foram identificados em construções paratáticas e apenas 13 (6,34%) em hipotáticas. Por sua vez, na TD *prescritiva*, dos 236 MJs (100%) identificados, 210 (88,98%) configuram usos em estruturas paratáticas e 26 (11,02%) em hipotáticas. Com efeito, os resultados mostram que, embora a *parataxe* seja a configuração tática predominante nos textos de ambas as TDs, é mais frequente nos da TD *narrativa* em comparação com os da *prescritiva* (diferença de 4,68%).

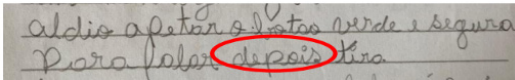
Em (1) e (2), exemplificamos o funcionamento paratático dos MJs, em trechos de textos pertencentes às TDs *narrativa* e *prescritiva*, respectivamente:

Figura 1. P2T9E4<sup>9</sup>



[...] amia vo fomuto  
boa para mi **e** eu sito  
sodadeladela<sup>10</sup>

Figura 2. P9T46E6



[...] apetar o botao verde e segura  
Para falar **depois** tira.

Em (1), a ocorrência da “justaposição” ilustra a relação entre orações de igual estatuto, no que se refere à independência sintática entre os elementos que a compõem, numa construção paratática em que se pode inferir o sentido de *causa*, a partir do sentido mais concreto de *adição*, conforme exemplificamos com a paráfrase: “a minha vó foi muito boa para mim, *por isso* eu sinto saudade dela”.

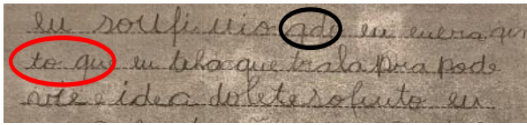
Em (2), há duas ocorrências de MJs que articulam parataticamente as orações com sentido de *tempo posterior*. Na primeira, o MJ “e”, a partir de seu sentido mais concreto de *adição*, insere o complexo oracional “segura para falar” e habilita a emergência, entre o seu sentido e o da oração que o antecede, de uma sequencialidade temporal. O mesmo ocorre com o uso do MJ “depois”, que, dando continuidade às instruções, insere a oração de igual estatuto sintático, “tira [o dedo do botão verde]”, mantendo o sentido de *tempo posterior*, prototípico desse MJ, na *parataxe*.

Com as ocorrências, em (3) e (4), exemplificamos o funcionamento hipotático dos MJs, em trechos pertencentes às TDs *narrativa* e *prescritiva*, respectivamente

9 As letras e números que identificam as figuras representam: P, número da prática de escrita; T, número do texto; e E, número do escrevente.

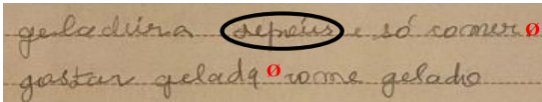
10 Sugestão de leitura: A minha avó foi muito boa para mim, eu sinto saudade dela.

Figura 3. P2T8E3



eu soufi uio **qdo** eu euera qin  
**to que** eu tiha que tralpra pode  
vie<sup>11</sup> [...]

Figura 4. P3T19E8



[...] **depois** e só comer **Ø**  
gostar gelada **Ø** come gelado

Em (3), o MJ “tanto que” também articula elementos oracionais de diferentes estatutos com interdependência sintática, caracterizando, portanto, uma construção hipotática. Nela, o sentido de *causa* está explicitado no MJ, que, nesse espaço de junção, articula a relação entre um *efeito* “eu so eu soufi uio” (eu soufi muito) e sua *causa* “eu tiha que tralpra pode vie” (eu tinha que trabalhar para poder viver). Em (4), as ocorrências de “justaposição” articulam as orações “gostar gelada” e “come gelado” que guardam entre si uma relação de interdependência, já que uma configura a *condição* sob a qual deve ser interpretado o sentido da outra, de acordo com a paráfrase “se gostar gelada, come gelado”. Correspondem, portanto, a orações de diferentes estatutos, embora em contexto de uso de “justaposição”.

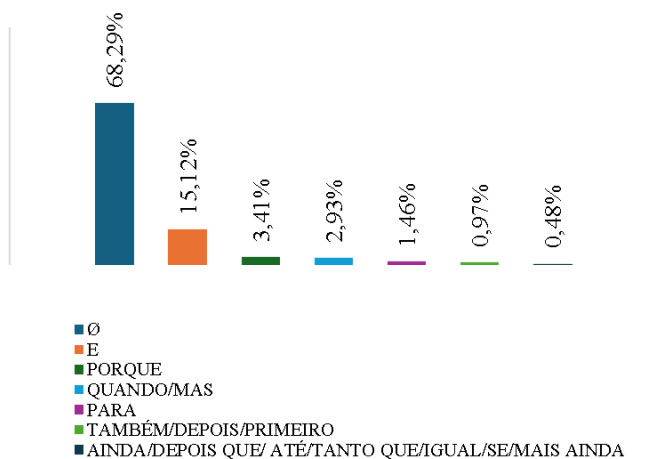
A partir dos resultados, destacamos *aproximações* e *distanciamentos* entre a caracterização das arquiteturas paratáticas e hipotáticas, nas duas TDs focalizadas neste artigo: (i) nos textos da TD *narrativa*, as ocorrências de parataxe são utilizadas como maneira de inserir uma sequencialidade de  *fatos narrados*. Por sua vez, nos da TD *prescritiva*, as construções paratáticas são utilizadas como forma de inserir uma sequencialidade de

11 Sugestão de leitura: Eu soufi muito quando eu era pequena, tanto que eu tinha que trabalhar para poder viver.

*instruções*; (ii) no que se refere à caracterização da arquitetura hipotática, em ambas as TDs, observamos que os usos estão associados aos sentidos de *tempo* (especialmente ao de *posterioridade temporal*) e de *causa* (nas relações causa-efeito/efeito-causa). Esses sentidos, também nas construções hipotáticas, estão a serviço da materialização linguístico-discursiva de uma sequencialidade de acontecimentos narrados (na TD *narrativa*), ou de uma ordenação de instruções dentro dessa sequencialidade (na TD *prescritiva*).

Há, aqui, o primeiro indício da composicionalidade dessas TDs, conforme será melhor descrito na continuidade desta seção. Para essa descrição, apresentamos o gráfico 2, com as frequência dos MJs na TD *narrativa*.

Gráfico 2. MJs na TD *narrativa*



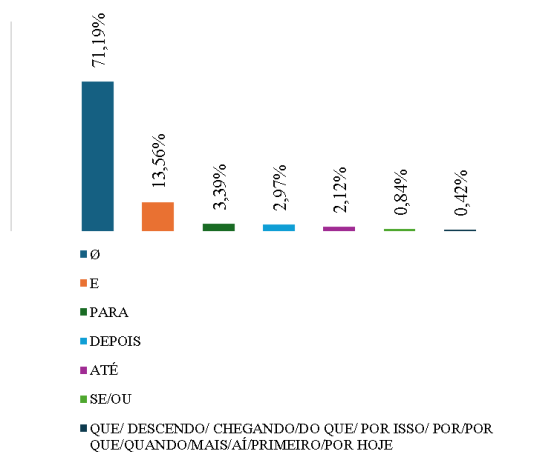
De acordo com o gráfico 2, os MJs mais frequentes, nos textos da TD *narrativa* em aquisição, foram a “justaposição” e “e”, com 140/68,29% e 30/15,12%, respectivamente, seguidos de “porque”, com 7/3,41%, “quando” e “mas”, com 6/2,93%, “para”, com 3/1,46%, “também”, “depois” e “primeiro”, com 2/0,97% e, por fim, dos MJs “ainda”, “depois que”, “até”, “tanto que”, “igual”, “se” e “mais ainda”, com 1/0,48%.



Esses resultados permitem a observação do que caracteriza a TD *narrativa*, tanto nas construções paratáticas, quanto nas hipotáticas, à luz do modo como os MJs mobilizados na construção dessa TD são empregados pelos escreventes, conforme demonstrado acima. Em outras palavras, se se trata de “sequencialidade de eventos narrados”, o gráfico 2 mostra que essa sequencialidade é marcada pelo uso predominante de “justaposição” e “e”. Nos espaços de junção que caracterizam esses usos, tais MJs habilitam a movimentação de sentidos mais abstratos, a partir do de *adição*, mais concreto, numa relação intrínseca entre *adição*, *tempo* e *causa* (causa-efeito/efeito-causa) e a sequencialidade dos eventos que constituem o narrado, conforme exemplificaremos adiante.

Na mesma direção, o gráfico 3 apresenta os resultados da TD *prescritiva*:

Gráfico 3. MJs na TD *prescritiva*



Quanto à TD *prescritiva*, os mesmos MJs são marcados como mais frequentes, sendo a “justaposição” e “e”, com 168 (71,19%) e 32 ocorrências (13,56%), respectivamente. Além disso, também foram constatadas as ocorrências dos MJs “para” (8/3,39%), “depois” (7/2,97%), “até” (5/2,12%),

“se” e “ou” (2/0,84%), seguidos dos demais MJs: “que”, “gerúndio” (“descendo” e “chegando”), “do que”, “por isso”, “por”, “por que”, “quando”, “mais aí”, “primeiro”, “por hoje”, com 1/0,42%.

A partir desses resultados, também é possível observar o que caracteriza a TD *prescritiva*, tanto nas construções paratáticas, quanto nas hipotáticas, à luz do modo como os MJs são empregados, nessa TD, pelos escreventes, conforme demonstra o gráfico 3. Se se trata, agora, de “sequencialidade de instruções”, essa sequencialidade é marcada, novamente, pelo uso predominante de “justaposição” e “e”, em espaços de junção que permitem, também novamente, a movimentação para sentidos mais abstratos, a partir do de *adição*, de acordo com a relação intrínseca entre *adição*, *tempo* e *causa* (causa-efeito/efeito-causa) e a sequencialidade, desta vez, das instruções que constituem o que se prescreve.

Com efeito, se, do ponto de vista dos tipos de MJs mais recorrentes e das relações tático-semânticas mais recorrentes, nos espaços de junção, que caracterizam os textos de ambas as TDs – *narrativa* e *prescritiva* –, os resultados apontam para uma *aproximação* entre essas TDs, do ponto de vista textual/discursivo, os resultados mostram que o que se junta/articula, nessas TDs, aponta para um *distanciamento* entre elas: na TD *narrativa*, os MJs têm por função inserir novas informações ao texto dentro de uma sequencialidade de eventos narrados, numa relação intrínseca com as práticas de narrar; na TD *prescritiva*, os MJs articulam elementos que sustentam uma sequencialidade oracional, de acordo com uma lista de instruções.

Na tabela 2, apresentamos os resultados detalhados da investigação do funcionamento semântico dos MJs, nas TDs *narrativa* e *prescritiva*.

**Tabela 2:** Funcionamento semântico dos MJs

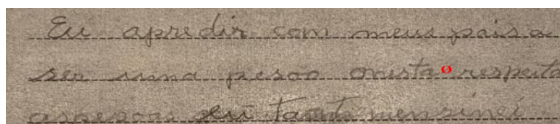
TD	A	Al	M	Cp	TS	TC	TA	TF	TP	C	Co	Fi	Ct	Cc	Tt
narr	80 o(65) e(13) tam- bém(2)		1 assis- tindo (1)		3 o(1) quan- do(2)	1 quan- do(1)	3 quando (1) primeiro (2) antes(1)	1 até (1)	29 o(14) e(13) depois que(1) depois(1)	56 o(46) e(2) porque(7) tanto que(1)	4 o (1) quando (2) se(1)	8 o(6) para (2)	17 e(3) mas(7) o(7)	2 ainda (1) o(1)	205
presc	98 o(84) e(14)	4 ou (2) o(2)		1 do que (1)	3 e(1) o(1) des- cen- do (1)		2 o(1) primeiro (1)	5 até (5)	85 o(60) e(18) chegando (1) depois(4) e depois(2)	14 o(11) por(1) por isso(1) porque (1)	6 o(4) se(2)	9 para (9)	8 o(6) e(1) mais(1)	1 o(1)	236
Tt	178	4	1	1	6	1	5	6	114	70	10	17	25	3	441

LEGENDA: A = Adição; Al = Alternativa; M = Modo; Cp= comparação; TS= Tempo simultâneo; TC = tempo contingente; TA= tempo anterior; TF = tempo final; TP= tempo posterior; C = causa; Co = condição; Fi= finalidade; Ct= contraste Cc= concessão

Os resultados da análise semântica dos MJs nas TDs *narrativa* e *prescritiva* mostram que os sentidos mais recorrentes, de modo geral, são: *adição* (178/40,36%), *tempo posterior* (114/25,85%), *causa* (70/15,87%), *contraste* (25/5,67%) e *finalidade* (17/3,85%). Para além do sentido de *adição*, o mais recorrente nas duas TDs (TD narr: 80/39,02% e TD presc: 98/41,53%), destacamos algumas especificidades sobre esses resultados, em relação a cada TD: diferenças entre os sentidos de *tempo posterior*, mais recorrente na TD *prescritiva* (TD presc: 85/36,02% e TD narr: 29/14,15%), e o de *causa*, mais recorrente na *narrativa* (TD narr: 56/27,32% e TD presc: 14/5,93%); e entre os sentidos de *contraste*, mais recorrente na TD *narrativa* (TD narr: 17/8,29% e TD presc: 8/3,39%), e o de *finalidade*, mais recorrente na *prescritiva* (TD presc: 9/3,81% e TD narr: 8/3,90%).

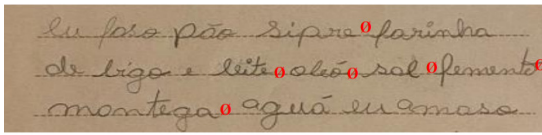
A título de ilustração do universo semântico a que nos referimos, as ocorrências a seguir exemplificam o funcionamento dos MJs com sentido de *adição*, extraídos de textos das TDs *narrativa*, em (5), e *prescritiva*, em (6):

**Figura 5.** P2T7E2



Eu apredir com meus pais a  
seu uma pesoa onesta  $\emptyset$   
respeita aspesoas [...]

Figura 6. P3T17E6



eu faso pão sipre Ø farinha  
de trigo e leite Ø oleó Ø sal Ø  
femento Ø manteiga Ø água [...]

Em (5), a “justaposição” articula os enunciados de um trecho da TD *narrativa* com sentido de *adição*, especificando o que foi dito antes, dentro do movimento de *elaboração* de Halliday (1985), em que uma oração elabora, especifica, detalha, explica e refina o significado de uma outra oração que compõe o enunciado. Na ocorrência, observamos, especificamente, o movimento semântico de elaboração sendo atualizado numa *exposição*, conforme propõe o autor, em que uma oração (“respeita aspesoas”) expõe, clarifica, em outras palavras, o que foi dito na oração anterior (“Eu apredi com meus pais a ser uma pessoa onesta”), de acordo com o esquema *P isto é Q*.

Em (6), as ocorrências do sentido de *adição*, ilustradas pelos usos de “justaposição” e de “e”, em espaços paratáticos, funcionam dentro de uma listagem que constitui um trecho da TD *prescritiva*. Os nomes que materializam verbalmente cada enunciado (“farinha de trigo”, “leite”, “óleo”, “sal”, “femento”, “água”), de acordo com o que fica elíptico nesse contexto<sup>12</sup> – recuperável por corresponder ao que se repete na tradição prescritiva que caracteriza a receita culinária, enquanto enunciado que introduziria a lista de ingredientes necessários à realização da receita<sup>13</sup> –, podem ser considerados

12 Tal como, por exemplo, “eu faso pão sipre [eu uso os seguintes ingredientes:] farinha de trigo e leite [...]”

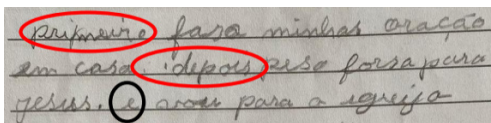
13 O que fica elíptico pode ser recuperado porque caracteriza o que é fixo na tradição (ou seja, o que se repete e é evocado, via repetição, a cada materialização do texto) e, ao mesmo tempo, aponta para sua intrínseca relação com as práticas discursivas orais e informais, em que os preâmbulos introdutórios são dispensáveis porque o texto *acontece* com amparo imprescindível nas condições pragmático-discursivas do tempo/espaço da interação. Trata-se de mais um dos indícios da relação fala/oralidade e escrita/letramento, conforme assumimos teoricamente neste trabalho.

em espaços de junção marcados por adições *simétricas*<sup>14</sup>, visto que a ordem de apresentação desses enunciados, na listagem, pode ser alterada sem que se modifique o sentido global do texto.

Os resultados das análises dos textos pertencentes às TDs *narrativa* e *prescritiva*, em aquisição da escrita, permitem observar que, enquanto na TD *narrativa* os MJs aditivos inserem informações novas ao texto, por meio da adição *assimétrica*, associada a uma ordenação cronológica icônica, de acordo com uma sequencialidade que habilita as tradições do narrar (conforme serão descritas em trânsitos semânticos entre *adição* > *tempo posterior*), na TD *prescritiva*, os mesmos MJs aditivos atuam, com frequência, sob uma estratégia juntiva, atrelada à inserção de informações novas no texto, também numa sequencialidade de itens, dentro de uma ordenação, que permite, agora, a reversibilidade dos enunciados que compõem a listagem, por meio da adição *simétrica*.

Em (7) e (8), ilustramos os MJs com sentido de *tempo posterior*, extraídos, respectivamente, de textos das TDs *narrativa* e *prescritiva*:

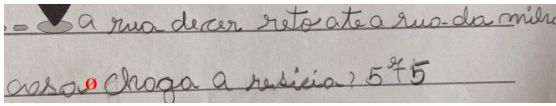
Figura 7. P8T38E2



**primeiro** faze minhas oração em casa. **depois** peso forsa para jesus. e vou para a igreja

- 14 Segundo Pezatti e Longhin-Thomazi (2008), existem dois tipos de adição entre sentenças: as *simétricas*, que permitem uma mudança na ordem de seus membros, sem alteração significativa de sentido, visto que os membros da adição são independentes entre si; e as *assimétricas*, em que a alteração da ordem dos membros não é admitida, uma vez que um membro conduz ao outro. Os usos considerados aditivos, nos textos analisados neste trabalho, correspondem à *adição simétrica*, em que é possível, portanto, inverter a ordem oracional sem prejuízos semânticos para o texto, conforme ilustra (6).

Figura 8. P5T28E6



[...] decer reto ate a rua da miha casa  $\emptyset$  choga a resicia 575

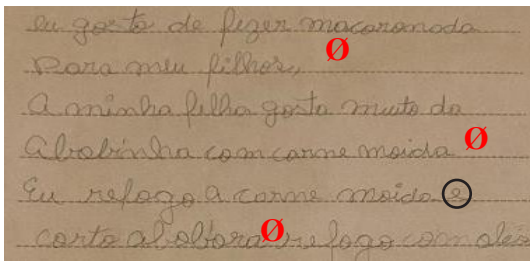
Em (7), a escrevente inicia o trecho com um MJ prototípico de *tempo anterior* (“primeiro”), indicando a primeira ação (“primeiro faso minhas oração”), logo em seguida, adiciona uma nova informação que faz o texto progredir, com o uso do MJ “depois” (“depois peso forsa para jesus”), finalizando com uma última informação, introduzida pelo MJ “e” (“e vou para a igreja”). “Depois” articula os enunciados com sentido prototípico de *tempo posterior*, explicitando uma ordem cronológica dos fatos, na sequencialidade característica da TD *narrativa*, e “e” desempenha a mesma funcionalidade, mas a partir de uma movimentação semântica, conforme será explicitada mais detalhadamente a seguir, que permite observar uma ocorrência do que denominamos como *adição assimétrica* (cf. Pezatti; Longhin-Thomazi, 2008), em espaço de junção no qual não é viável a alteração da ordem oracional e, ao mesmo tempo, que habilita a movimentação para o sentido de *tempo posterior*. O mesmo movimento pode ser observado em (8), em que a “justaposição” também articula os enunciados, na parataxe, com sentido mais abstrato de *tempo posterior*, elencando, numa sequencialidade, as instruções dadas, a partir do sentido mais concreto de *adição assimétrica*, relativo à inserção de informações novas ao texto<sup>15</sup>.

De acordo com os resultados da tabela 2 e conforme o funcionamento descrito, embora o sentido de *tempo posterior* seja mais frequente na TD *prescritiva* (85/36,02%), é inegavelmente frequente também na TD *narrativa* (29/14,15%), quando comparado aos outros sentidos. Trata-se, portanto, de

15 O uso do verbo “descer” (descer) no infinitivo, marca a TD *prescritiva*, já que a escrevente instrui o leitor a “decer reto ate a rua da miha casa” (descer reto até a rua da minha casa), para depois “choga a resicia 575” (chegue à residência 575).

um ponto, na mesma medida, de *aproximação* e *distanciamento* entre essas TDs. As frequências distintas dos usos de MJs com esse sentido, por um lado, diferencia as duas TDs, entretanto, o mesmo sentido também marca o que as aproxima: (i) por se tratar do sentido que caracteriza a sequencialidade característica de ambas – de eventos narrados e de instruções dadas; e (ii) por se tratar de uma zona de contato entre essas duas TDs, ou, em outros termos, de espaços que indiciam a composicionalidade da TD *narrativa* para a constituição da TD *prescritiva*. Tem-se aí a atuação do princípio da composicionalidade das TDs, já que a TD *narrativa* compõe a *prescritiva* a partir de espaços de junção abertos ao sentido de *tempo*, conforme exemplificamos em (9):

Figura 9. P3T17E6

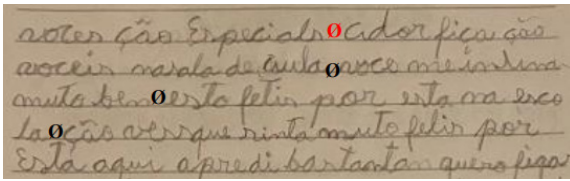


eu gosto de fazer macarronada para meu filhos, Ø  
a minha filha gosta muito da Abobrinha com carne moída Ø  
Eu refogo a carne moída e corto abobora Ø refogo com óleo [...]

Em (9), é possível constatar a TD *narrativa* compondo/constituindo, em mescla, a TD *prescritiva*: em “eu gosto de fazer macarronada para meus filhos, Ø a minha filha gosta muito da abobrinha com carne moída”, a escrevente desenvolve, numa narrativa, com o uso de “justaposição”, enunciados que preparam a introdução do tópico, a partir do qual insere a TD *prescritiva*, em “Ø eu refogo a carne moída e corto abobora”.

As “justaposições”, em (10) e (11), ilustram o funcionamento do sentido de *causa* nos textos das TDs *narrativa* e *prescritiva*, respectivamente.

Figura 10. P4T20E1



voces ção Especiais Ø Ador fica ção  
voceis nasala de aula Ø voce me insina  
muito ben Ø esto felis por esta na esco  
la Ø ção vesque sinta mutto felis por  
Esta aqui<sup>16</sup>[...]

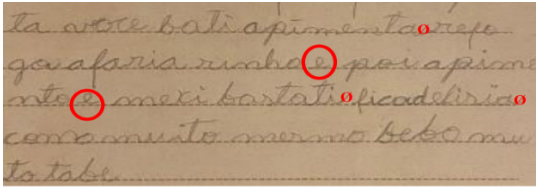
Em (10), a “justaposição” em destaque articula parataticamente os enunciados que integram o trecho que caracteriza a mescla entre as TDs *narrativa* e *explicativa*, com sentido mais concreto de *adição*, inserindo informações novas ao texto e habilitando a movimentação para o sentido mais abstrato de *causa*, associado à explicação, conforme a paráfrase: “você são especiais, *por isso* adoro ficar com vocês na sala de aula”.

Em (11), abaixo, tem-se novo exemplo da mescla de TDs, em que as ocorrências de “justaposição” e “e”, em “você bate apimenta Ø refoga afaria rinho e poi apimento e mexi bastati”, articulam parataticamente os enunciados e habilitam a movimentação, em uma relação de complexidade crescente, para o sentido mais abstrato de *tempo posterior*, como mostra a paráfrase: “Você bate a pimenta, *depois* refoga a farinha, *depois* põe a pimenta, *depois* mexe bastante”. A partir dessa sequencialidade de instruções e da *adição*, por “justaposição”, dos enunciados seguintes – “ficadelisia” e “como muito mesmo” – os espaços de junção abrem-se à emergência não apenas do sentido de *tempo posterior*, mas, ainda, do sentido mais abstrato de *causa*, conforme a paráfrase: “*Então*, fica delícia e *por isso* como muito mesmo”, em relação aos movimentos de conclusão e explicação, intrinsecamente associados à mescla do narrar com o prescrever.

16 Sugestão de leitura: Vocês são especiais, adoro ficar com vocês na sala de aula, vocês me ensinam muito bem. Estou feliz por estar na escola, são vezes que me sinto muito feliz por estar aqui.



Figura 11. P3T13E1



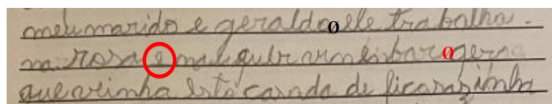
[...] voce bati apimenta Ø refo  
ga afaria rinha e poi apime  
nto e mexi bastati Ø ficadélisia Ø  
como muito mesmo<sup>17</sup>[...]

O funcionamento semântico dos MJs deixa ver a frequência significativa do sentido de *causa* e, a partir dos resultados da análise, fundamenta a proposição de pontos de *aproximação* e *distanciamento* entre as TDs *narrativa* e *prescritiva*: embora seja um sentido que caracteriza a TD *narrativa*, já que sua frequência nessa TD é mais expressiva (56/27,32%), as ocorrências observadas nos textos prescritivos apresentam-se também em um número relevante (14/5,93%), frente às de outros sentidos. A análise mostra, entretanto, que os espaços textuais em que o sentido de *causa* emerge na TD *prescritiva* estão diretamente ligados às relações de causa-efeito/efeito-causa, enquanto indícios das práticas do *narrar*, diretamente relacionados, portanto, à mescla de TDs que caracteriza os textos prescritivos analisados. Em outras palavras, nesses textos, a TD *narrativa* compõe/constitui a *prescritiva* em aquisição. Trata-se, mais uma vez, de um outro ponto de *aproximação* e *distanciamento* entre essas TDs. A diferença de frequência dos usos de MJs com esse sentido, por um lado, as diferencia. Por outro, o mesmo sentido também marca o que as aproxima por se tratar de uma zona de contato entre elas, ou, em outros termos, de espaços que indiciam a composicionalidade dessas tradições, no contexto aquisicional.

Em (12) e (13), as ocorrências destacadas dos MJs ilustram o funcionamento do sentido de *contraste*, nas TDs *narrativa* e *prescritiva*, respectivamente.

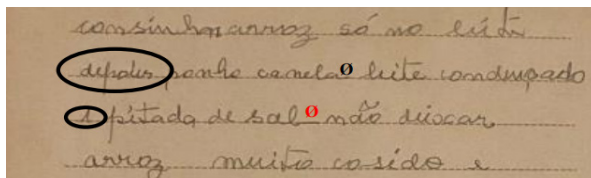
17 Sugestão de leitura: Você bate a pimenta, refoga a farinha e põe a pimenta. Mexe bastante, fica delícia, por isso eu como muito mesmo.

Figura 12. PIT1E1



meu marido e geraldo  $\emptyset$  ele trabalha na roça e não quer vir embora  $\emptyset$  quero que venha [...]<sup>18</sup>

Figura 13. P3T19E8



cansinha arroz só no leite depois ponho canela  $\emptyset$  leite condensado e pitada de sal  $\emptyset$  não deixar arroz muito cozido [...]<sup>19</sup>

Em (12), os MJs “e” e “justaposição”, em destaque, articulam parataticamente os enunciados que constituem o trecho da TD *narrativa*, com sentido mais concreto de *adição*, por inserir informações novas ao texto, de acordo com uma sequencialidade cronológica, em espaços de junção que se abrem ao sentido mais abstrato de *contraste*, conforme a paráfrase: “meu marido é Geraldo, ele trabalha na roça, *porém*, não quer vir embora, *mas* quero que ele venha”. Em (13), a “justaposição”, em destaque, articula parataticamente os enunciados, em espaço que também habilita o movimento semântico para o sentido mais abstrato de *contraste* a partir daquele, mais concreto, de *adição*. Nesse contexto, a negativa explicita o sentido de *contraste*, que marca, por sua vez, a última instrução inserida no contexto da TD *prescritiva*.

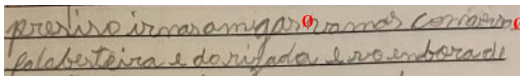
18 Sugestão de leitura: meu marido é Geraldo. Ele trabalha na roça e não quer vir embora. Quero que venha [...].

19 Sugestão de leitura: cozinha o arroz só no leite, depois ponha canela, leite condensado e pitada de sal. Não deixar arroz muito cozido [...].

Embora o sentido de *contraste* se mostre mais frequente em textos da TD *narrativa* em aquisição (17/8,29%), as ocorrências nos textos pertencentes à TD *prescritiva* também apresentam um número expressivo (8/3,39%) frente às frequências de outras relações de sentido. Em ambas as TDs, o *contraste* surge, no processo de textualização, no movimento que parte do que é mais concreto – o sentido de *adição*.

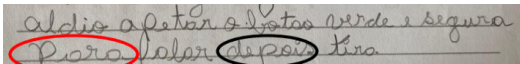
Por fim, em (14) e (15), destacamos, respectivamente, nas TDs *narrativa* e *prescritiva*, o funcionamento dos MJs com sentido de *finalidade*.

Figura 14. PIT1E1



preciso ir nas amigas **e** vamos conversar **e** falabesteira [...]

Figura 15. P9T46E6



[...] apetar o botao verde e segura **para** falar **depois** tira

Em (14), as “justaposições”, em destaque, articulam parataticamente os enunciados com sentido mais concreto de *adição*, permitindo a movimentação, a partir dele, para o sentido mais abstrato de *finalidade*, conforme a paráfrase: “preciso ir nas amigas *para* conversar, *para* falar besteira”. Já em (15), o MJ “para” articula hipotaticamente os enunciados, com o mesmo sentido de finalidade, mas de forma prototípica. Nesse contexto, o MJ une orações de diferentes estatutos, caracterizando as instruções a serem seguidas para que se alcance um “objetivo”, numa sequencialidade de eventos.

Os resultados da tabela 2 mostram que, nos textos da TD *prescritiva*, os espaços de junção são preenchidos pelo MJ prototípico (“para”) em todas as ocorrências (9/3,81%), diferentemente do que se observa nos textos da TD *narrativa*, em que, majoritariamente, os espaços de junção

são marcados pelo uso da “justaposição” em arquitetura paratática. Desse modo, destacamos, novamente, uma *aproximação* entre as duas TDs, no que diz respeito a esse sentido, frequente nos dois universos textuais, e um *distanciamento*, no que tange à forma como se atualiza em cada uma dessas TDs, em aquisição.

A maior parte dos dados analisados até aqui (cf. figuras 7, 10, 11, 12, 13 e 14) permitiu-nos observar, na materialidade linguística, rastros da movimentação do sujeito que escreve no processo de textualização, através do funcionamento simbólico da língua, na medida que as análises deixam ver trânsitos semânticos que ocupam espaços de junção de acordo com a escala de complexidade/abstração crescente, na linha de Kortmann (1997). Considerar os trânsitos semânticos significa compreender, intrinsecamente à consideração da linguagem como acontecimento, “a relação do sujeito escrevente com a (sua) língua, para a construção do (seu) texto escrito” (Lopes-Damasio, 2022). Em outros termos, significa considerar o sistema da língua e as suas diferentes formas de atualização sendo mediadas pelas tradições de dizer/escrever, ou seja, pelo que, entre o fixo e o lacunar, delinea tais tradições e, mais do que isso, delinea o processo de aquisição de tais tradições na escrita, por meio da relação constitutiva entre fala/oralidade e escrita/letramento.

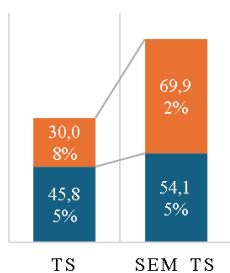
Para a sistematização desses resultados, na tabela 3 e nos gráficos 4 e 5, apresentamos a quantificação descritivo-analítica dos contextos de trânsitos semânticos identificados no *corpus* da pesquisa, em relação às TDs *narrativa* e *prescritiva*.

**Tabela 3:** Trânsitos semânticos

Trânsito semântico	TD narr	TD presc	Tt
A > TP	29/30,85%	49/67,12%	78/47,27%
A > C	45/ 47,87%	8/10,96%	53/32,12%
A > Ct	8/8,51%	3/4,11%	11/6,67%
A > TS	1/1,06%	4/5,48%	5/ 3,03%
A > Fi	6/6,38%	2/2,74%	8/4,85%
TP > C	---	2/2,74%	2/1,21%
TC > Co	3/3,19%	---	3/ 1,82%
A > AI	---	2/2,74%	2/1,21%
A > Cc	2/ 2,13%	---	2/1,21%
C > Ct	---	1/1,73%	1/0,60%
Tt	94/100%	71/100%	165/100%

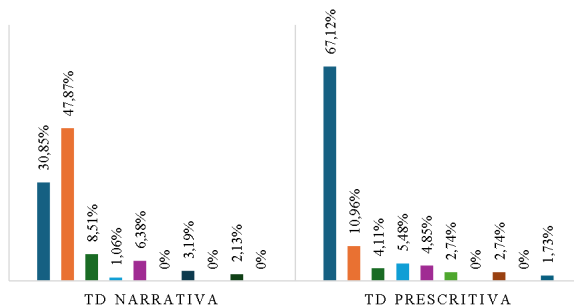
**Gráfico 4.** Trânsitos semânticos (TS)

■ TD narrativa ■ TD prescritiva



**Gráfico 5.** Os sentidos em movimentação

■ A>TP ■ A>C ■ A>Ct ■ A>TS ■ A>Fi ■ TP>C ■ TC>Co ■ A>AI ■ A>Cc ■ C>Ct



Considerando os espaços de junção analisados (cf. tabela 3), identificamos 165 ocorrências de TS, o que equivale a 37,41% dos usos de todos os MJs observados nos textos analisados das duas TDs. Dentre esse total, 78/47,27% caracterizaram o TS entre *adição > tempo posterior*, conforme exemplificamos com a análise das ocorrências da Figura 7; 53/32,12% entre *adição > causa*, como mostraram as análises das ocorrências das Figuras

10 e 11; 11/6,67% entre *adição* > *contraste*, de acordo com as análises das ocorrências das Figuras 12 e 13; e 8/4,85%, entre *adição* > *finalidade*, como mostramos, por fim, com as análises das ocorrências da Figura 14.

Quando olhamos para as especificidades das duas TDs analisadas em relação aos TS (cf. gráficos 4 e 5), constatamos que a TD *narrativa* é aquela em que os espaços de junção mais recorrentemente se abrem à movimentação de sentidos no processo de textualização, conforme mostra o gráfico 4: vemos 45,85% de usos de MJs em TS, na TD *narrativa*, frente a 30,08% desses mesmos usos, na TD *prescritiva*. Para além da diversidade de sentidos que se atualizam, nas duas TDs, em espaços de junção abertos à movimentação semântica, conforme mostra o gráfico 5, se considerarmos apenas aqueles mais recorrentes, podemos reiterar um comportamento distinto entre as duas TDs analisadas: na *narrativa*, os espaços se atualizam especialmente nos trânsitos entre *adição*>*tempo posterior* e *adição*>*causa*, enquanto na *prescritiva*, a maior repetibilidade identifica-se no trânsito entre *adição*>*tempo posterior*.

Esse resultado reforça, agora no que tange aos espaços de movimentação semântica, aquele resultado apresentado anteriormente, que nos permitiu caracterizar, de modo geral<sup>20</sup>, o universo semântico atualizado nos textos de ambas as TDs. O sentido de *tempo posterior* marca a zona de contato entre elas e, ao mesmo tempo, permite caracterizá-las como TDs distintas: na TD *narrativa*, prioritariamente em contextos de TS, o sentido de *tempo posterior* caracteriza uma ordenação cronológica icônica que marca uma sequencialidade que habilita as tradições do narrar e se soma ao sentido de *causa*, também em TS, para o delineamento da prática discursiva aí presente; na TD *prescritiva*, fora e em espaços de TS, esse sentido atua na construção de uma sequencialidade de itens numa ordenação de instruções e pontua, nos textos, os contextos em que podemos observar a TD *narrativa* compondo a *prescritiva*, de acordo com o princípio de composicionalidade. A mesma

---

20 Consideramos aqui os resultados apresentados na tabela 2, em que consta o total de usos de MJs em relação aos sentidos analisados, considerando aquelas em TS e sem TS.

composicionalidade também se marca nos espaços de emergência do sentido *causal*, na TD *prescritiva*, relativos à mescla dessa TD com a *narrativa*.

## Para algumas considerações finais

Os resultados alcançados mostraram que as construções *paratáticas* são predominantes em relação às *hipotáticas*, em usos, com maior frequência, de “justaposição” e “e”, em ambas as TDs, sustentando a afirmação de que a “justaposição” é o MJ característico dos dados de aquisição da escrita, em contexto do PEJA. Discursivamente, a justaposição pôde ser compreendida como espaço de junção que se abre à movimentação do escrevente, enquanto gesto que aponta para uma situação concreta de enunciação, uma vez que o sujeito se apoia em tradições da oralidade, especialmente informais, para a construção da (sua) escrita (Lopes-Damasio, 2019). O mesmo entendimento pode ser estendido aos usos do MJ “e”, tornando ainda mais forte essa tendência.

No que se refere ao funcionamento sintático dos MJs identificados nos textos das TDs *narrativa* e *prescritiva*, propusemos *aproximações* e *distanciamentos* em relação à aquisição da escrita nessas tradições. Em ambas, a predominância das construções paratáticas caracterizou a zona de contato entre as duas tradições: nos textos da TD *narrativa*, as ocorrências de parataxe inseriram uma sequencialidade de fatos narrados, ao passo que, na TD *prescritiva*, inseriram uma sequencialidade de instruções. A descrição das ocorrências juntivas em arquitetura hipotática reforçou o mesmo resultado, em ambas as TDs, com usos diretamente associados aos sentidos de *tempo* e de *causa*, mais especificamente ligados à materialização linguístico-discursiva de uma sequencialidade de acontecimentos narrados (na TD *narrativa*) e de uma ordenação dentro de uma sequencialidade de instruções (na TD *prescritiva*).

Os resultados da análise semântica apontaram a predominância, de modo geral, dos sentidos de *adição*, *tempo posterior*, *causa*, *contraste* e *finalidade*, assim como apontaram a predominância dos TS entre os sentidos

de *adição*>*tempo posterior* e *adição*>*causa*. Observamos que o sentido de *adição* é característico das TDs *narrativa* e *prescritiva*, já que, em ambas, são necessários MJs que possibilitem a inserção de informações novas, para a progressão da história narrada, construindo, a partir de espaços que habilitam a movimentação dos sentidos, as relações de efeito-causa/causa-efeito, repetidamente marcadas pelos jutores temporais que determinam a sequencialidade dos eventos narrados, ou necessárias para elencar orações, de acordo com a sequencialidade de eventos característicos do ato de *prescrever/instruir*, em intrínseca relação com a TD listagem, conforme princípio de composicionalidade das TDs.

Um outro resultado a ser destacado a partir dos sentidos que compõem cada uma das TDs e que também se relaciona ao princípio da composicionalidade, diz respeito ao fato de o sentido de *causa*, que caracteriza a TD *narrativa*, ser identificado, nos textos *prescritivos*, repetidamente nos momentos em que a TD *narrativa* os compõe, numa relação direta entre TDs, em que a *narrativa* se mostra como constitutiva da *prescritiva*, em espaços de junção que se abrem a TS característicos do narrar. O mesmo tipo de relação também foi constatada quanto aos sentidos de *contraste* e *finalidade*.

Portanto, os resultados sugerem a atuação do princípio de composicionalidade das TDs, na aquisição da escrita, observada através do que é tradicional para o sujeito que passa a circular pelas práticas letradas, por meio de atos de escrita. A composicionalidade se caracteriza nos *rastros* que apontam para dados de que a TD *narrativa* compõe a *prescritiva*, de acordo com o que se reconhece como *mesclas de TDs*. Trata-se de um indício do atravessamento das práticas do *narrar*, nas práticas discursivas do *prescrever*, no processo de aquisição da escrita por jovens e adultos. Esses indícios devem, pois, ser avaliados em sua intrínseca associação à movimentação do sujeito para a construção dos sentidos do seu texto, em esquemas semântico-discursivos mobilizados em cada texto como tradição – entendida como *experiência* do já dito/ouvido, escrito/lido – e como *atualização* dessa tradição – entendida como a novidade de cada texto, enquanto acontecimento discursivo.



De modo geral, assim como os estudos mais recentes, nessa mesma abordagem, da aquisição da escrita pela criança (cf. Lopes-Damasio; Pedro, 2024; Lopes-Damasio; Santana, 2024; Silva, 2024; Lopes-Damasio, 2019, 2014; Taura, 2019; Lopes-Damasio; Silva, 2018; Longhin-Thomazi, 2011a/b, dentre outros), os resultados aqui apresentados parecem lançar luz sobre o fato de que considerar a *experiência* é tão imprescindível quanto considerar a *atualização* quando se trata de olhar para a aquisição da escrita por adultos. Em outras palavras, significa afirmar que, para considerar a aquisição da escrita, não basta guiarmo-nos pelo linguístico, porque se trata de considerá-la como fenômeno de linguagem, como construção sócio-histórica de produção de sentidos que se dá, necessariamente, via discurso. No sistema conceitual adotado, em que a escrita foi tomada como um acontecimento da linguagem, ela não o deixa de ser [acontecimento] porque está em aquisição, mas já é assim, como evento que acontece, adquirida. Enquanto acontecimento não se inicia em si mesma e, portanto, arriscamos afirmar que não há outra forma de considerar sua aquisição senão na articulação entre a *experiência* e a *atualização*.

## Referências

BYBEE, J. Mechanisms of Change Grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEF, B.; JANDA, R. (Ed.). **The Handbook of historical linguistics**. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2003. p. 602-623.

CHACON, L. **A escrita como acontecimento**: uma proposta de sistema conceitual. (apresentação em congresso). In: VII Semana de Letras da FCL Assis, Assis, 2024.

CHACON, Lourenço. A relação fala/escrita em dados não-convencionais de escrita infantil. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. 01-17, 2021.

CHACON, Lourenço. **Instabilidades da linguagem**: discurso, língua e suas relações. 2017.

COSERIU, E. Creatividad y técnica lingüística. Los tres niveles del lenguaje. In: \_\_\_ **Lecciones de lingüística general**. Madrid: Gredos, 1981. p.269-286.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. SP: Martins Fontes, 2004.

GAVA, M. F. M. **Mecanismos de junção e(m) textos das Tradições Discursivas narrativa e prescritiva**: um olhar para escrita inicial em contexto do PEJA. Relatório de Iniciação Científica. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2023.

HALLIDAY, M. A. K. Above the clause: the clause complex. In. **An introduction to Funcional Grammar**. New York: Arnold, 1985.

KABATEK, J. Tradição discursiva e gênero. In: LOBO, T. *et al.* **Linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012.

KABATEK, J. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. **Lexis XXIX**. 2, p. 151- 177, 2005a.

KABATEK, J. Sobre a historicidade dos textos. **Linha D'Água**, São Paulo, n. 17, p. 157-170, 2005b.

KOCH, P; OESTERREICHER, W. **Lingua hablada en la romania**: Espanol, Francés, Italiano. 1ª ed. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

KORTMANN, B. **Adverbial Subordination**: a typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages. Berlin-New York, Mouton de Gruyter, 1997.

LEMOES, C. T. G. Sobre a aquisição da escrita. Algumas questões. In: ROJO, R. (Org.). **Alfabetização e letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Junção e(m) aquisição: aspectos morfossintáticos e cognitivos. **Gragoatá**, Niterói, n. 30, p. 221-238, 2011a.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Aquisição de tradições discursivas: marcas de uma escrita heterogeneamente constituída. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 55, n. 1, p. 225-248, 2011b.

LOPES-DAMASIO, L. R. **Escrita infantil**: junção e tradição discursiva [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2022.

LOPES-DAMASIO, L. R. O movimento linguístico-discursivo na aquisição da escrita: uma abordagem dos mecanismos de junção aditivos na construção de sentidos no texto. **Filologia e Linguística Portuguesa (Online)**, v. 21, p. 147-170, 2019.

LOPES-DAMASIO, L. R. Para uma abordagem linguístico-discursiva da justaposição oracional: oral e escrito em práticas de letramento. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 60, n. 2, 2016.

LOPES-DAMASIO, L. R. Junção em contexto de aquisição de escrita: uma abordagem das tradições discursivas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 1371-1386, 2014.

LOPES-DAMASIO, L. R.; PEDRO, C. da C. A materialidade linguística pelo viés da opacidade: uma abordagem da aquisição da escrita. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 797-821, 2024.

LOPES-DAMASIO, L. R.; SANTANA, M. D. For a discursive-linguistic approach to junction: analysis of linking mechanisms in narrative and argumentative discursive traditions. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 170-196, 2024.

LOPES-DAMASIO, L. R.; SILVA, P. C. S. Causa em aquisição da escrita: processos juntivos. **Cadernos de Letras UFF**, Niterói, v. 27, n. 55, p. 109-133, 2018.

MARCUSCHI, L. **Da fala para a escrita**: Atividades de textualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. Oralidade e escrita. (Texto da Conferência pronunciada no **I Colóquio Franco-brasileiro sobre Linguagem e Educação**. UFRN, 26-28 de junho, 1997, p. 1-17).

OLIVEIRA, G. C. de. **O papel das tradições discursivas orais na aquisição da escrita em contexto do P.E.J.A.** Dissertação. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2024.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 7ª ed. Trad. de E. Orlandi. São Paulo: Pontes, 2015.

PEZATTI, E. G, LONGHIN-THOMAZI, S. R. As construções coordenadas. In: Ilari R, Neves M. H. M. **Gramática do Português culto falado no Brasil**: classes de palavras e processos de construção. Campinas: Ed. da UNICAMP; 2008. p. 865-936.

RAIBLE, W. Linking clause. In. HASPELMATH *et al.* **Language Typology and Language Universals**. Berlin e New York: Walter de Gruyter, Vol. 1, 2001, p. 590- 617.

SANTANA, M. D. **Uma abordagem linguístico-discursiva da junção na escrita infantil**. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), São José do Rio Preto, 2022.

SILVA, B. P. **O sentido de tempo na tradição discursiva narrativa**: uma abordagem linguístico-discursiva da escrita inicial no Ensino Fundamental I. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), São José do Rio Preto, 2024.

TAURA, L. G. **Tradição discursiva, variedade linguística e ensino**. 2019. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Assis: Universidade Estadual Paulista, Assis, 2019.